

## A função do narrador-jornalista nas reportagens de Joe Sacco: reflexões<sup>1</sup>

Djenane Arraes MOREIRA<sup>2</sup>  
Vinícius PEDREIRA Barbosa da Silva<sup>3</sup>  
Universidade de Brasília, Brasília, DF

### RESUMO

Este artigo tem como objetivo discutir a questão do narrador-jornalista dentro do jornalismo em quadrinhos de Joe Sacco. A partir de uma perspectiva narratológica, buscamos entender as relações entre narrador, personagem e representação de si mesmo na construção da narrativa. Dessa forma, as linguagens jornalística e quadrinística trabalham em conjunto na produção do sentido de realidade pretendido em uma obra que se quer jornalística e, assim, ajuda-se na elaboração do pacto referencial informativo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Jornalismo; quadrinhos; narrativa; comunicação; informação;

### Introdução

O jornalista maltês naturalizado estadunidense Joe Sacco visitou a Bósnia entre setembro de 1995 e fevereiro de 1996, quando a guerra de secessão que assolou a região dos Bálcãs, antiga Iugoslávia, entre 1992 e 1995, conhecia seus capítulos finais. Em uma das inúmeras viagens entre cidades que visitou na região, Sacco, em companhia de outros dois correspondentes *freelancers* de guerra, Kasey e Jack, foram à cidade de Pale – a 10km de Sarajevo –, com o objetivo de entrevistar o então presidente da auto-proclamada Republika Srpska, Radovan Karadzic. Ao produzir a reportagem em quadrinhos sobre tal evento, Joe Sacco coloca-se na história de duas maneiras: como narrador e como personagem. Além dessas duas perspectivas, a reportagem em quadrinhos ainda proporciona uma terceira camada de análise: a representação de si.

Nosso objetivo neste artigo é analisar a forma como o jornalista Joe Sacco se posiciona em suas reportagens em quadrinhos como narrador, como personagem e a forma

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo, do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, realizado de 19 a 21 de maio de 2016.

<sup>2</sup> Mestranda na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, linha Jornalismo e Sociedade, email: [djenanearraes@gmail.com](mailto:djenanearraes@gmail.com)

<sup>3</sup> Mestrando na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, linha Jornalismo e Sociedade, email: [pedreirabarbosa.vinicius@gmail.com](mailto:pedreirabarbosa.vinicius@gmail.com)

como representa a si mesmo. Como *corpus*, utilizaremos a reportagem *Christmas With Karadzic*, que integra o livro *War's End* (2005), lançado pela editora canadense Drawn & Quarterly. A reportagem a ser analisada apresenta elementos ricos para análise sobre a relação entre narrador e narrador-personagem.

Usaremos como aparato teórico as reflexões sobre o narrador sob perspectiva da narratologia defendida pelo pesquisador brasileiro Luiz Gonzaga Motta (2013). Além disso, faremos a análise do personagem Joe Sacco e da representação de si usando como base os estudos culturais. Para Douglas Kellner, essa linha de pensamento é a melhor maneira de desenvolver pesquisas sobre a mídia, pois realizado “mediante estudos específicos dos fenômenos concretos contextualizados nas vicissitudes da sociedade e da história contemporânea.” (2001, p.12)

A partir desse arcabouço teórico, podemos analisar cada realidade cultural segundo algum tipo de lógica interna, de acordo com a qual devemos procurar entender como funciona, de forma que seus procedimentos façam sentido por meio das práticas sociais dentro de seus contextos e histórias particulares.

Dessa forma, é possível “identificar, por exemplo, a narratividade como uma forma básica de organização da subjetividade.” (JOHNSON, 2010, p.69). Assim, nos são dadas indicações sobre as variedades de narrativas produzidas, sejam elas de histórias reais, contando sobre diferentes modos de vida ou guerras, sejam elas ficcionais.

Entendemos que Joe Sacco é, até o momento, o representante mais conhecido e respeitado do chamado jornalismo em quadrinhos<sup>4</sup>. Por causa do alcance midiático de seu trabalho, deu visibilidade não apenas ao jornalismo em quadrinhos, como também se tornou uma voz importante da imprensa alternativa<sup>5</sup>. Em seu trabalho, ele chama atenção para as regiões de conflitos, a partir de dados coletados em suas viagens. Entre as produções, encontram-se obras sobre a Bósnia – nosso enfoque neste trabalho – assim como as problemáticas enfrentadas pelos palestinos em relação a ocupação e opressão israelense, contrapondo, em geral, a opinião da mídia estadunidense favorável ao Estado de Israel.

É um jornalista, portanto, que tem como foco dar voz a quem não a tem em uma guerra, como populações civis que são transformadas apenas em números estatísticos no

---

<sup>4</sup> Atualmente há diversas experimentações da narrativa do jornalismo em quadrinhos e a obra de Joe Sacco é apenas uma delas. Um site interessante para acompanhar produções deste tipo de narrativa é o *Cartoon Movement*. Na Alemanha, por sua vez, já existe, inclusive, curso específico para refletir sobre as características e capacidades deste tipo de jornalismo. Ele é oferecido pelo *Melton Prior Institute – for reportage drawing & printing culture* (ver <http://www.meltonpriorinstitut.org/> Acesso em 05/11/2015)

<sup>5</sup> Entendemos, aqui, por imprensa alternativa a forma de fazer jornalismo que se diferencia daquele praticado pela dita imprensa hegemônica, dos grandes conglomerados de comunicação.

balanço de grandes conflitos e catástrofes humanitárias. Além da importância do jornalista, da linguagem narrativa que trabalha, e do recorte, a escolha para estudar Joe Sacco é também em função das influências que o formaram e que ele ajuda a perpetuar: ele segue a tradição de um tipo de jornalismo influenciado pela literatura *beat*, em especial por Jack Kerouac, que floresceu na contracultura dos anos 1960. Este tipo de narrativa valoriza a experiência do repórter em seu campo de ação.

Ele traz consigo influências de Tom Wolfe, Lester Bangs, Hunter S. Thompson e Michael Herr<sup>6</sup>. No traço do desenho, a influência mais marcante que Joe Sacco carrega é de Robert Crumb – um dos autores mais importantes da chamada nona arte –, também surgido durante a contracultura.

## Enredo

*Christmas With Karadzic* é uma reportagem em quadrinhos de 21 páginas. A história se passa nos dias 6 e 7 de janeiro de 1996, semanas após a assinatura do Tratado de Dayton, véspera e dia da celebração do Natal da Igreja Ortodoxa. Joe Sacco tem a companhia de dois jornalistas *freelancers* identificados apenas como Kasey e Jack, na busca de uma entrevista com Radovan Karadzic, ex-presidente da Republika Srpska acusado por cometer genocídios durante a Guerra da Bósnia. Os jornalistas vão à Pale motivados por uma pista atribuída a Jugoslava, funcionária da PaleTV, sobre o paradeiro do então presidente.

Em Pale, os jornalistas tentam negociar acesso com o ministro da informação Dragan Bozanic, mas este estaria supostamente impedido de contribuir devido a interferências atribuídas a Sonja Karadzic, filha do presidente. Os jornalistas retornam a Pale no dia seguinte, dia de natal, como foi sugerido por Bozanic, e realizam uma caçada pela cidade atrás de Karadzic. Depois de rodar pelas ruas, descobrem por meio de uma fonte não-identificada que o presidente compareceria a missa das nove da manhã.

O trio de jornalistas aguarda na igreja pela chegada de Karadzic, que realmente comparece cercado de proteção militar e em companhia de outras pessoas não-identificadas na narrativa. Karadzic concede a Kasey seis minutos de entrevista em inglês com gravação

---

<sup>6</sup> Fazemos referências aqui a profissionais – todos norte-americanos – que adotam o jornalismo literário em suas produções. Tom Wolfe e o ex-correspondente de guerra Michael Herr são dois dos principais representantes do *New Journalism* – movimento dos anos 1960 em que jornalistas passaram a inserir elementos da narrativa do romance na reportagem. Lester Bangs foi jornalista musical editor da revista *Creem*, cujo primeiro design foi desenvolvido por Robert Crumb (influência fundamental no traço do desenho de Joe Sacco). Hunter S. Thompson fundou o jornalismo gonzo, que defende narrativa em primeira pessoa e rejeita o conceito de objetividade.

do áudio. A postura ponderada e simpática de Karadzic surpreende Joe Sacco. Na volta a Sarajevo, os jornalistas se separam. Kasey volta-se para a negociação do material conquistado com órgãos de imprensa. Jack vai fazer uma refeição e Joe Sacco é convidado a celebrar o natal ortodoxo com a família de Rada, uma senhora que aluga a ele um quarto em seu apartamento.

## **O jornalismo e suas vozes**

O narrador, de acordo com uma perspectiva da literatura, pode ser considerado um ser tão fictício quanto os personagens. O autor, essa entidade que existe exteriormente à narrativa, manipula o narrador e os personagens a ponto, inclusive de fundi-los em um único ser, caso esta seja sua vontade. O narrador e os personagens, nas palavras de Motta (2013. p. 217) são figuras de papel. Mas na narrativa jornalística o narrador e as personagens são pessoas reais e a linha que separa o autor do narrador torna-se difusa. Para Motta, uma boa forma de compreender a narrativa jornalística é na identificação das vozes narrativas que são estabelecidas no texto, e como que elas se relacionam.

O modelo de estudo usado por Motta é do teórico literário francês Gerard Genette. São três os níveis básicos de narradores dentro do jornalismo, respeitando essa ordem de poder:

- 1) Primeiro narrador – o órgão de imprensa;
- 2) Segundo narrador – o jornalista;
- 3) Terceiro narrador – as fontes consultadas.

O primeiro narrador, que está externo à narrativa, é a voz mais forte. Ela corresponde à empresa que estabelece a linha ideológica, comercial e política em que as reportagens precisam estar alinhadas. Os outros dois narradores, que atuam dentro da narrativa, estabelecem um jogo de artimanhas e negociações junto ao primeiro narrador, em que cedem e conquistam “o direito de voz e a visibilidade, o direito de tornar pública a própria versão.” (MOTTA, 2013, p. 226)

Joe Sacco é considerado um jornalista independente e, por causa disso, tende-se a pensar que a primeira voz estaria enfraquecida ou ausente em suas obras. Não é bem assim. Mesmo que atue fora dos grandes conglomerados da comunicação, Sacco ainda está sujeito a interferências do primeiro narrador, por vincular o seu trabalho a uma editora – no caso, a

canadense especializada em quadrinhos *Drawn and Quarterly*<sup>7</sup> –, que trabalha com uma determinada linha política e ideológica em que defende a obra autoral e a publicação de autores independentes, conforme publicado no manifesto da empresa em 2003.

Ter alinhamento com o primeiro narrador é fundamental para que a voz do segundo narrador, a do jornalista, possa ser ouvida com o suporte e a estrutura que o primeiro narrador oferece. Sem esse acordo entre as vozes, a narrativa pode ser silenciada. Pode-se fazer um paralelo com o caso de Art Spiegelman na obra *À Sombra das Torres Ausentes*, de 2004. Trata-se de uma coletânea de lâminas em quadrinhos que Spiegelman fez ao longo de dois anos como forma de contar a paranóia estadunidense, além da própria experiência pós-traumática, logo em seguida aos ataques de 11 de setembro de 2001.

O período em questão se caracterizou pelo forte apoio da sociedade estadunidense ao presidente George W. Bush Filho, e as ações de respostas militares que resultaram em guerras no Afeganistão e no Iraque. Nenhuma editora estadunidense de expressão no mercado garantiu a publicação integral do material de Spiegelman, que continha fortes críticas a tais políticas governamentais e à sociedade naquele momento. Isso forçou o ilustrador sueco a recorrer a editoras na Europa: a alemã *Die Zeit* adquiriu os direitos pelo material e publicou *À Sombra das Torres Ausentes*, tal como Spiegelman idealizou..

O segundo narrador em *Christmas With Karadzic* é Joe Sacco. Ele é, ao mesmo tempo, o produtor, o diretor e o roteirista do filme, ou melhor, da narrativa, por ter todo poder de escolha sobre os elementos estratégicos usados na condução da história, no sentido de expor suas ideologias, preconceitos e opiniões. A narração de Sacco é eloquente, por vezes verborrágica, considerando a natureza de uma peça em quadrinhos em que a imagem tem a função de descrever as ações e situar personagens dentro dela. Trata-se também de uma narração em primeira pessoa: Joe Sacco não apenas conduz, como também se coloca como personagem, ou seja, é ao mesmo tempo o segundo e o terceiro narrador. A análise de Joe Sacco na posição de terceiro narrador, e como ele se representa, será feita mais adiante.

O jornalista, segundo Motta, é dotado de forte *ethos* profissional e age sempre no intuito de contar uma boa história. “Imbuído desse desejo, ele negociará com os outros poderes movido pela exigência profissional de configurar uma boa narrativa” (Motta, 2013, p. 229). Os personagens que estão na condição de terceiro narradores têm pouco poder na narrativa desenvolvida por Sacco em *Christmas With Karadzic*. Nesse sentido, as ações são

---

<sup>7</sup> Drawn and Quarterly é editora com sede em Montreal, Canadá. Foi fundada em 1989 por Chris Oliveros, com o propósito de trabalhar com artistas independentes de quadrinhos. Atualmente, a Drawn and Quarterly é, ao lado da editora estadunidense Fantagraphics, uma das mais influentes editoras especializadas em quadrinhos independentes.

mais importantes do que suas vozes. Cabe ao segundo narrador não apenas conduzir a história e prover o leitor com as informações necessárias, como também fazer reflexões e conclusões.

O correspondente de guerra Kasey, por exemplo, é o protagonista da história, sendo desenhado sempre num plano destacado em relação aos outros jornalistas. Como podemos observar na imagem abaixo, quando vemos este repórter em primeiro plano, em uma postura de liderança em relação aos demais.

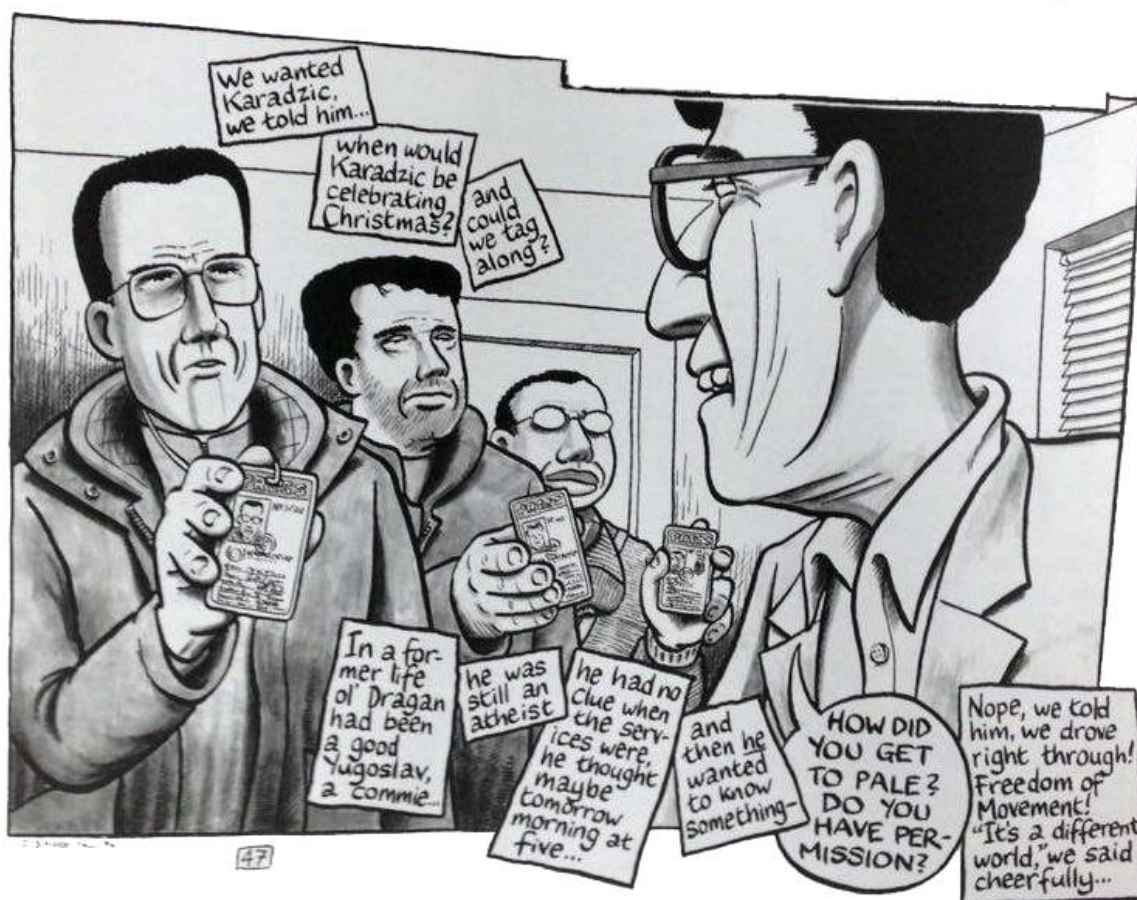


Figura 01 – Fonte: SACCO, J. **Christmas with Karadzic**. In: **War's end: profiles from Bosnia 1995-96**. Canadá: Drawn and Quartely, 2005, p.47.

Kasey é quem toma a iniciativa das ações: é o condutor do carro, quem esbraveja o nome de Karadzic pelas ruas de Pale, quem faz a entrevista – o grande objetivo dos personagens na trama. O antagonista da história é Radovan Karadzic<sup>8</sup>: o primeiro presidente da República Sérvia. Este é o alvo dos jornalistas.

<sup>8</sup> Radovan Karadzic nasceu em 1945, na cidade de Petnjica, que hoje fica em Montenegro. Foi o primeiro presidente da auto-proclamada República Sérvia (Republika Srpska) e liderou os sérvio-bósnios durante a Guerra da Bósnia.

Na trama, Joe Sacco retrata-o, a princípio, como um político derrotado, ignorado nas negociações do Acordo de Dayton, impedido de se candidatar nas eleições seguintes e chamado de “não-pessoa” por oficiais da IFOR<sup>9</sup>. Sacco informa que Karadzic é acusado de genocídio praticado especialmente contra muçulmanos – crime pelo qual foi condenado no Tribunal Internacional de Haia em março de 2016.

Apesar da importância na história, a voz dada a Kasey é limitada na narrativa, e não passa de poucas falas ilustrativas e pontuais, além do fato de ser visto por Sacco como um profissional implacável que age em função da caixa registradora que existe em sua mente. Karadzic, por sua vez, não tem voz alguma. É um personagem mudo, representado graficamente como um senhor de semblante cansado e resignado. Assim, é objeto de ponderações e julgamentos de caráter feitos por Joe Sacco. No jogo de disputa de poderes entre as vozes narrativas, Joe Sacco não abre mão da própria voz. Em *Christmas With Karadzic*. Kasey consegue a entrevista desejada, mas ele não passa de um mercador de notícias; Karadzic é considerado um pária, mas não é dado a ele o direito de defesa.

Contudo, é importante ressaltar que a relação de poder desproporcional entre os narradores existentes nessa reportagem é uma exceção no conjunto das obras de Joe Sacco. Uma característica das demais reportagens do jornalista maltês é justamente dar voz aos personagens, de forma geral, que dificilmente teriam visibilidade na mídia majoritária.

### **O narrador-jornalista**

A questão do narrador é de extrema relevância no jornalismo. Pode-se dizer que a visibilidade a esta problemática tenha começado com Walter Benjamin (1994), em seu difundido ensaio *O narrador: considerações sobre a obra de arte de Nikolai Leskov*. Este texto é produzido pelo autor no período do entre-guerras e traz determinados apontamentos, certamente, com um viés pessimista acerca do contexto em questão. Benjamin, assim, afirma que a experiência da arte de narrar está em “vias de extinção”, pois as pessoas são cada vez mais incapazes de intercambiar experiências entre si.

Dessa forma, o filósofo compara que as narrativas teriam características mais ricas caso as vivências continuassem a ser contadas de uma pessoa para outra, assim como sempre ocorreu na oralidade. As histórias ganham, assim, contornos e disseminação nesse

---

<sup>9</sup> IFOR foi uma unidade militar de paz instituída pela OTAN para assegurar o cessar-fogo na Bósnia e contribuir na segurança do país. Atuou no país de dezembro de 1995 a dezembro de 1996.

intercâmbio e as narrativas escritas poderiam continuar interessantes se seguissem este caminho. No entanto, com o advento da era da reprodutibilidade técnica e o fortalecimento do romance, vinculado ao livro impresso, além da valorização da informação – ambos vistos como ameaças ao narrar – amplia-se certa capacidade de atrofiamento na construção das narrativas, levando-se em conta a visão benjaminiana (RESENDE, 2005).

É preciso, entretanto, redimensionar tal concepção na contemporaneidade, pois cada vez mais compreende-se diversificadas formas de narrar o cotidiano e trocar conhecimentos – experiências – de forma a nos ajudar a verificar e testar a realidade. Com isso, podemos dizer que narrar, nas palavras de Luiz G. Motta, é: “*relatar eventos de interesse humano enunciados em um suceder temporal encaminhado a um desfecho.*” (2013, p.71, grifos no original). Este desfecho não significa que todas as histórias tenham um fim definido, pois elas podem ser inacabadas, mas é preciso que em algum momento o autor pare de narrá-las para fechar a produção.

As narrativas, assim, acontecem independentemente da mídia que as torna concretas, pois os seres humanos necessitam organizar fatos antecedentes e consequentes para compreender a própria realidade e entender o mundo no qual fazem parte, a partir de um passado, presente e possibilidades de futuro. Elas, portanto, fazem parte da condição humana e seu risco de desaparecimento não chega a ser concretizado, pelo menos na atualidade.

## Representação

Em sua releitura de *O narrador*, Silviano Santiago (2002) questiona-se sobre a noção de autenticidade. Desse modo, é possível perguntar se uma história só pode ser narrada a partir do que se experimenta ou ela pode ser autêntica por meio daquilo que eu posso observar?<sup>10</sup> O jornalista busca subtrair-se da narração, esconder-se, geralmente, na terceira pessoa da narrativa, tendo-se como intuito a pretensa objetividade ou imparcialidade – conceitos tão debatidos na Comunicação.

Para Santiago, tal situação traz a questão do *olhar*, do observar para que a narrativa tenha autenticidade/credibilidade. É possível poder narrar apenas ao *ver* e não

---

<sup>10</sup> Apesar de não ser o foco do presente artigo, este pensamento nos abre espaço para refletirmos acerca da profícua aproximação entre o jornalismo e a representação do Outro na narrativa, isto é, da alteridade a que o jornalista está sempre em tensão, inclusive trazendo entrecruzamentos na relação do campo da Comunicação com a Antropologia. Ver, por exemplo: FÜRSICH, E. **O problema em representar o Outro: mídia e diversidade cultural.** In: **Revista Parágrafo**, v.04, n. 01, 2016, p. 51-61; LAGO, C. **Ensinamentos antropológicos – a possibilidade de apreensão do Outro no jornalismo.** In: **XVIII Encontro da Compós**, Belo Horizonte, 2009.



necessariamente *experimental*. Para tanto, o jornalista se apega à mítica da profissão em busca da verdade, utilizando-se de elementos que afirmam neutralidade. Fato este que o pesquisador Bruno Souza Leal complementa: “a autenticidade/credibilidade do relato dependem mais intensamente da força de verossimilhança, ‘da lógica interna’ do relato levado ao leitor” (LEAL, 2002, p.3).

A maior dificuldade de apreensão do narrador-jornalista na contemporaneidade, portanto, é a inversão de valores que o campo enfrenta. Em outras palavras, a “marca contemporânea” do narrar jornalístico é a presença cada vez maior de fontes de informação querendo entrar nas redações (LEAL, 2002). Isto é, em vez do jornalista ir atrás das fontes, as fontes vêm ao jornalista, por meio de *press-releases*, agências de notícias e facilidade de textos acessíveis na internet. Tais fatores, aliados a estabilização de normas e formas (o lide, por exemplo), dificultam a criatividade no jornalismo cotidiano. Partindo desse ponto de vista, Leal afirma:

[...] o ‘narrador jornalístico’, aquele que se percebe nos textos lidos, não é uma ‘pessoa’, mas um lugar, constituído na cadeia produtiva. Esse lugar é altamente impessoal. Por mais que a experiência/visão de um acontecimento seduza um jornalista, seu relato, na grande maioria dos jornais brasileiros, será frio e desapaixonado. (LEAL, 2002, p.3)

Esta característica são pouco aplicáveis quando nos voltamos para obras como as de Joe Sacco<sup>11</sup>. Isso porque ele frequentemente coloca-se em cena e, inclusive, representa-se dentro da própria narrativa. Mas o que isto significa como elemento narrativo? Utilizaremos, aqui, o conceito de representação advindo dos estudos culturais. Segundo esta corrente teórica, representação diz respeito a sistemas simbólicos (textos ou imagens) que produzem significados.

Por meio da linguagem, podemos usar signos e símbolos – quaisquer que sejam, isto é, visuais, textuais, sonoros, objetos, entre outros – para representar conceitos, sentimentos e ideias em uma cultura de determinada sociedade. Essa característica nos leva a uma atividade significativa que funciona por meio de sistemas de representação. Nesse sentido, tanto o jornalismo quanto os quadrinhos são considerados produções simbólicas capazes de produzir sentidos e organizar narrativamente o mundo.

Para entender melhor como o conceito de representação conecta significados e linguagem à cultura, Stuart Hall (2013) diz ser importante entender três diferentes abordagens sobre os sistemas representativos: reflexivo, intencional e construcionista. De

---

<sup>11</sup> Por exemplo, *Palestina* levou dois meses de pesquisa e três anos para ser desenhada, enquanto *Notas sobre Gaza* levou sete anos para ser publicado – quatro deles desenhando.

maneira geral, o primeiro diz respeito à ideia dos significados serem reflexos, espelhos da realidade de pessoas, objetos e eventos que já existem. O segundo tipo expressa a intenção do autor sobre aquilo que ele quer dizer, trazendo uma imposição de significado. No último modelo, o significado seria construído por meio da linguagem.

Ao adotarmos esta última concepção, que nos parece mais produtiva, podemos depreender que os nossos conceitos compartilhados dentro de uma cultura são traduzidos pela escrita, sons ou imagens visuais – que podemos chamar de signos – e interpretados através do nosso mapa conceitual compartilhado. Com isso, ao relacionar todos esses elementos, atingimos o centro da produção de sentido na linguagem. Todo este processo, portanto, é aquilo que se chama representação.

### **Relações entre autor, narrador-jornalista e personagem**

Como dito anteriormente, Sacco vem de uma tradição quadrinística surgida com a contracultura. Esta corrente caracterizou-se pelo crescimento das obras de não-ficção. Um dos gêneros mais fortes nesse contexto é a autobiografia. Levado pelo interesse em produzir material sobre fatos sociais relevantes, Sacco encontra sua voz entre autobiografia, jornalismo e realismo documentário, aprimorando seu estilo a cada nova produção.

Suas obras iniciais cujo centro temático estava nas próprias experiências, transformam-se, e o autor também passa a produzir uma narrativa mais complexa e fortemente baseada em pesquisa sobre as regiões em que viaja, seus conflitos, entrevistas e singularidades locais. O estilo dos seus desenhos também muda, ao longo do tempo, passando do cartunesco para algo mais realista, apenas não alterando a sua própria representação de narrador-personagem, que continua no estilo mais caricatural.

Sabendo-se dessas características, é interessante retomar as discussões de Philippe Lejeune sobre a autobiografia e sua conseqüente identidade entre autor, narrador e personagem. Quando começou sua carreira como quadrinista, Sacco ainda era relativamente desconhecido, ainda mais para contar sua própria vida. É ao publicar outras obras, em especial as de caráter mais jornalístico que ele transforma-se em um “autor de verdade”, ou seja, quando o nome próprio inscrito na capa se torna um “denominador comum” de pelo menos dois textos diferentes, indo além deles caso seja realizada outra obra. Seu nome extrapola a identificação de apenas uma produção.

É, portanto, em relação ao *nome próprio* que devem ser situados os problemas da autobiografia. Nos textos impressos, a enunciação fica

inteiramente a cargo de uma pessoa que costuma colocar seu *nome* na capa do livro e na folha de rosto, acima ou abaixo do título. É nesse nome que se resume toda a existência do que chamamos de *autor*: a única marca no texto de uma realidade extratextual indubitável, remetendo a uma pessoa real, que solicita, dessa forma, que lhe seja, em última instância, atribuída a responsabilidade da enunciação de todo o texto escrito. (LEJEUNE, 2014, p.26, grifos no original)

Seguindo a reflexão sobre tal temática, Lejeune aponta que é preciso existir uma identidade de nome entre autor, narrador e personagem. Dessa forma, pode-se dividir tais relações em dois grupos: 1) implicitamente (dentro dos títulos das obras ou como seção inicial na qual o narrador assume compromissos com o leitor); 2) de modo patente (nome coincidente tanto na capa quanto na narrativa).

Esta identidade, entretanto, difere-se da *semelhança*. Melhor dizendo: enquanto a identidade é um fato notado dentro da narrativa, a semelhança é uma relação de singularidades infinitas. Assim, o personagem Sacco dentro do trecho analisado segue um referente extratextual, isto é, um *modelo* ao qual se baseia. O personagem não é a pessoa Sacco, mas a sua representação incluída na narrativa, retomando a ideia do repórter “no local” do evento. Aliado ao discurso narrativo<sup>12</sup>, a autorrepresentação ganha contornos de credibilidade e firma um *pacto referencial* com o leitor. Este começa a identificar e perceber semelhanças dentro da obra, ao ler o nome Joe Sacco (autor) – embora não o conheça – com a construção do personagem Joe Sacco (jornalista representado dentro da narrativa).

O chamado *pacto referencial*<sup>13</sup> – que pode ser explícito ou implícito – é construído junto ao leitor de forma que este considere que as informações a serem dadas no texto tenham referentes externos a ele, isto é, elas possam ser verificadas. Em *Christmas with Karadzic*, Joe Sacco faz identificações sistemáticas de lugares, personagens, datas e objetos. Como, por exemplo, Sarajevo, Pale, Karadzic, Natal Ortodoxo, 7 de janeiro, 1996, etc.

Se tudo no desenho pode ser verificável devido ao *pacto referencial*, procuramos realizar um exercício de identificação do carro usado pelos jornalistas na reportagem (figura xxx). A placa informada no desenho é G932PVJ. Essa mesma placa pode ser encontrada no

---

<sup>12</sup> O termo não é utilizado, aqui, na concepção da Análise do Discurso, mas em relação à narratologia. Cf. LOPES e REIS: “[...] de fato, o discurso narrativo é o produto do ato de enunciação de um narrador (v. *narração*) e dirige-se, explícita ou implicitamente, a um *narratário* (v.), termo necessário de recepção da mensagem narrativa.” (1998, p.29)

<sup>13</sup> Este conceito tem paralelos em outros autores, como Miquel Rodrigo Alsina. Segundo ele: “a mídia nos propõe um *contrato pragmático fiduciário* que tem a intenção de que acreditemos que o que eles dizem é verdade, ao mesmo tempo em que nos pedem que confiemos no seu discurso informativo.” (2009, p.48, grifos nossos). Dessa forma, tal contrato é fruto de um processo histórico, institucional e de legitimação do jornalista. Assim, sempre é preciso que sua credibilidade seja conquistada e renovada para que o contrato continue em voga.

website Ukvehicle.com – acesso em março de 2016. O carro em questão era um Toyota, modelo Carina Executive Auto, cor cinza, ano 1989, registrado no Reino Unido. O desenho do carro é, de fato, fiel ao objeto representado.



Figura 02 – Fonte: SACCO, J. **Christmas with Karadzic**. In: **War's end: profiles from Bosnia 1995-96**. Canadá: Drawn and Quartely, 2005, p.62.

Enquanto na autobiografia a exatidão não é o ponto central para o leitor, que se contenta apenas com semelhanças, o mesmo não ocorre nos textos jornalísticos ou históricos – cuja exigência é maior. No caso do jornalismo em quadrinhos de Sacco, a expectativa acerca do seu personagem é a condução da narrativa.

A cada trecho de suas matérias jornalísticas, ele deixa claro, em pequenas introduções, as condições da pesquisa para produzir aquela passagem, traduzindo a condição de testemunha e trazendo ideia do jornalista no centro dos acontecimentos. Essa é sua forma de chamar o leitor para assinar um contrato de leitura com o narrador, acreditando na factualidade dos relatos a serem coletados.

O narrador-jornalista ou narrador-personagem neste caso é o mesmo. O jornalista quer se fazer presente e não se ausentar como geralmente acontece na imprensa majoritária. Ao adaptar os procedimentos da reportagem à linguagem das histórias em quadrinhos, Sacco coloca-se na história. A tessitura da trama é realizada através de balões e legendas, onde são inscritas ora as vozes de suas fontes, ora a própria voz do jornalista. Dessa forma, este pode amalgamar sua enunciação às delas, o que não acontece na história analisada.

Por exemplo, na página 59, Karadzic é representado em *close-up* com o microfone de Kasey em sua direção. Ao fundo, junto às pessoas em volta, observando a ação, também encontra-se Joe Sacco. Sua posição na imagem demonstra contemplação ao trabalho do colega e enfatiza sua postura de testemunho privilegiado.

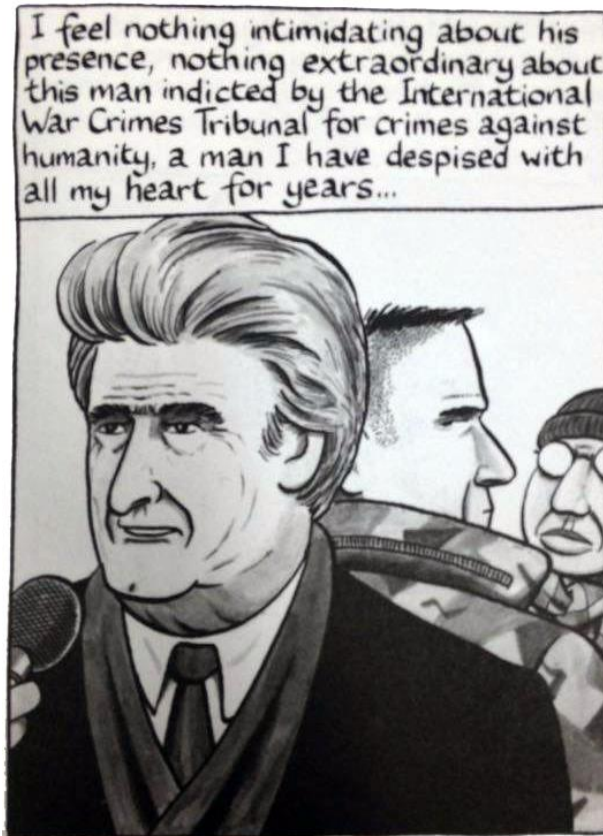


Figura 03 – Fonte: SACCO, J. **Christmas with Karadzic**. In: **War's end: profiles from Bosnia 1995-96**. Canadá: Drawn and Quartely, 2005, p.59

Como vimos, a busca em entrevistar Karadzic e as impressões ao encontrarem com ele são o foco da reportagem, não o que o entrevistado tem a dizer. A narrativa constrói-se no *making-off* dos fatos, nas dificuldades encontradas no país, seja para ultrapassar *checkpoints*, a burocracia ou captar os sons ambientes (tiros, pássaros) para que seja feita a composição da reportagem por Kasey – o condutor maior da busca a Karadzic. A presença de Sacco, por sua vez, é mais opinativa, psicológica e conduz o leitor para dentro das suas próprias experiências e sensações em relação aos acontecimentos contidos na história.

## Referências

ALSINA, M. R. **A construção da notícia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

BENJAMIN, W. **O narrador**: considerações sobre a obra de arte de Nikolai Leskov. In: **Obras Escolhidas I**. Magia e técnica, arte e política – ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987.

HALL, S. **The work of representation**. In: HALL, S; EVANS, J; NIXON, S. (Org.) **Representation**. California: SAGE, 2013.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

JOHNSON, R. **O que é, afinal, Estudos Culturais?** In: SILVA, T. T da (Org.) **O que é, afinal, estudos culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. Bauru – SP: EDUSC, 2001.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico**. In GERHEIN, J. M (Org.). **O pacto autobiográfico**: de Rousseau à internet. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

LEAL, B. S. **Do testemunho à leitura**: aspectos da evolução do narrador jornalístico, hoje. In: BOCC, 2002.

LOPES, A. C. M.; REIS, C. **Dicionário de teoria da narrativa**. São Paulo: Ática, 1988.

RESENDE, F. A. **O jornalismo e a enunciação**: perspectivas para um narrador-jornalista. In: **XIIV Encontro Compós**, 2005, Niterói, RJ.

SACCO, Joe. **Christmas with Karadzic**. In: **War's end**: profiles from Bosnia 1995-96. Canadá: Drawn and Quartely, 2005.

SANTIAGO, S. **O narrador pós-moderno**. In: **Nas malhas da letra**: ensaios. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.